Reconciliação? Sim, mas entre nós.

Não é de hoje essa palavra e não surge como uma luz para quem actualmente a profere.

Desde que a UDT e a FRETILIN se voltaram a encontrar-se na diáspora falou-se de reconciliação. E a reconciliação teve o seu auge com a assinatura do pacto da Convergência Nacionalista. Então as mágoas e as iras acalmaram-se, só que a catarse não teve o devido efeito de expurgar todas as máculas e eis que como o cancro foi-se espalhando pelos próprios partidos, disseminando-os em grupos aguerridos e rabugentos. Era a vez de em cada um dos partidos falar-se de reconciliação. A UDT foi mais profícua e tomando como medida a máxima de todas elas, as eleições, propõe para breve o Congresso. A FRETILIN procura a mesma saída não obstante um destacado membro tente por sua conta e risco "reconciliar-se" com quem está caído num poço de sangue e por lá tem-se deixado embriagar há quase duas décadas. Como o cavaleiro andante que tentando reconciliar-se com ele próprio, abandona o exército e se confunde com a areia do deserto em busca dum sinal de Alá e não o encontrando, deparando-se com camelos, julgando-os enviados de Alá, tenta reconciliar-se com eles e por lá se perde.

Reconciliação? Sim, mas entre nós. Porque melhor do que ninguém temos dentro de nós a medida exacta do sofrimento e da dor.

Reconciliação? Sim, mas com todos os timorenses livres sem exclusão de ninguém. Mas uma reconciliação que implique mudança de atitudes e mentalidade com a exclusão séria de todas as vaidades, ambições pessoais desmedidas e avidez de honrarias que levam até à própria tentação de suicídio político.

Reconciliação não em função duma paz que implique o silêncio de todos, inclusive a renúncia aos propósitos assumidos.

Neste momento a única reconciliação moralmente aceitável é com o povo de Timor e isto significa uma renovação do compromisso que o próprio dirigente da FRETILIN já assumira, desde os tempos da fundação do seu partido. O meu voto é que ele volte a reconciliar-se com ele próprio, para o bem da própria palavra, reconciliação. Então, reparado o próprio sentido etimológico e o verdadeiro significado, possam os timorenses com todos os seus melhores filhos, protagonizar novamente a luta, saindo dos seus próprios casulos a que se remeteram pela renúncia, abandono e interposição alheia.

Representação do CNRM em Portugal

Lisboa, 19.06.1993

a) Luís Cardoso ("Takas")